



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
COORDENADORIA INSTITUCIONAL DE PROGRAMAS ESPECIAIS
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS**

ALUNA: MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA FERREIRA

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

CAMPINA GRANDE-PB

2014

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA FERREIRA

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Relatório Final das atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, no curso de Letras – EAD, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré requisito para a obtenção do título de graduado, sob a orientação da professora Ms. Cléa Gurjão Carneiro.

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F383e Ferreira, Maria do Socorro Oliveira
Relatório final de estágio supervisionado [manuscrito] / Maria do Socorro Oliveira Ferreira. - 2014.
17 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras EAD)
- Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Prof^a. Cléa Gurjão Carneiro, Secretaria de Educação à Distância".

1. Estágio Supervisionado. 2. Prática Docente. 3. Educação de Jovens e Adultos. I. Título.

21. ed. CDD 371.11

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA FERREIRA

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Relatório Final das atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado, apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras - EaD, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Graduada.

Aprovada em, 13/11/2014

BANCA EXAMINADORA

Cléa Gurjão Carneiro

Prof^a Me. Cléa Gurjão Carneiro - UEPB

Orientadora

Elza Rolim Maria Wanderley Monteiro de Araújo

Prof^a Esp. Elza Rolim Maria Wanderley Monteiro de Araújo-UEPB

Examinadora

Maria de Fátima Coutinho Sousa

Prof^a.Me. Maria de Fátima Coutinho Sousa- UEPB

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, por sua bondade e misericórdia, presentes todos em os dias de minha vida.

Ao meu pai Hamilton Ferreira e em especial ao meu sobrinho Igor Figueiroa Ferreira (In memórian).

À orientadora Prof^a Cléa Gurjão Carneiro, pela sua paciência, dedicação e orientação, o que garantiu a realização desse trabalho.

À Prof^a Elza Maria Araújo, pela ajuda, carinho e dedicação para que eu conseguisse concluir esse curso.

RESUMO

O presente trabalho proporcionou oportunidade de vivenciar a teoria e a prática na comunidade escolar, buscando constantemente alcançar as metas, os objetivos e a metodologia planejada pela equipe docente. O Estágio Supervisionado é um espaço aberto no campo da aprendizagem, fazendo com que se vivencie novos métodos, se conviva com as diversidades culturais, transmita e obtenha conhecimentos que irão fomentar a vida profissional do educador e formador de seres críticos e, que possam ser agentes transformadores dessa sociedade tão injusta com os menos favorecidos.

Palavras-chaves: Conhecimentos. Prática. Formador.

ABSTRACT

This work provided the opportunity to experience the theory and practice in the school community, constantly seeking to achieve the goals, objectives and methodology planned by teaching staff. The Supervised Internship is an open space in the field of learning, making them to experience new methods, to live with cultural diversity, transmit and obtain knowledge that will foster the professional life of teachers and trainer of critical beings, and they can be agents transformers such as unjust society with the poor.

Keywords: Knowledge. Practice. Trainer.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Memórias.....	9
3. Fundamentação teórica.....	11
3.1 Educação de Jovens e Adultos: uma história negada.....	11
3.2 Descrição das atividades.....	16
4. Considerações finais.....	18
5. Referências.....	19

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como principal função discorrer sobre as etapas dos estágios supervisionados, percorridas no curso de Licenciatura em Letras à Distância. O referido estágio foi realizado no CAIC JOSÉ JOFFILY, em Campina Grande-PB.

Durante os estágios supervisionados passei por várias etapas: observação e regência no ensino fundamental e médio. Os estágios foram supervisionados pela professora titular que orientava minhas aulas, quando necessário.

O estágio é um importante instrumento para os futuros profissionais que atuam na educação, pois é através deles que colocamos na prática os nossos conhecimentos e aprimoramos nossas técnicas para a futura profissão, contribuindo para o desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos na sala de aula e nas disciplinas do curso de Letras.

No decorrer do processo de estágio supervisionado utilizei diferentes metodologias, como: aula expositiva, vídeo, data show, textos e livros didáticos, tudo isso para despertar a atenção dos alunos para o conteúdo apresentado. Dessa forma estamos combatendo os problemas de aprendizagem e aumentando o nível de escrita, leitura e compreensão.

2. MEMÓRIAS

Ingressei como professora na rede estadual na cidade de Campina Grande PB, no dia 18 de setembro de 1988, atuando no ensino fundamental. Foi uma experiência muito difícil, pois entrei para substituir uma professora com problemas de saúde. A experiência despertou em mim o interesse em fazer o curso para o magistério, fiz e posteriormente, cursei pedagogia e me especializei em psicopedagogia.

Outro desafio foi quando fui convidada para lecionar na Educação de Jovens e Adultos, a disciplina língua portuguesa do 6º ao 9º ano. Ensinei durante muitos anos sem a licenciatura em Letras. Quando surgiu essa nova modalidade de ensino a distância (EAD) e resolvi fazer o curso, pois era um sonho, tendo em vista que estava lecionando com Língua Portuguesa. Enviei meu currículo e fui selecionada. Comecei a cursar; tudo muito difícil por se tratar de uma modalidade a distância, a primeira dificuldade foi entrar no ambiente virtual, foram muitas dúvidas até que conseguisse aprender, pois uma das primeiras disciplinas foi Novas Tecnologias da Educação, que nos ajudou muito. Depois vieram os estágios de observação no ensino fundamental e médio, os quais realizei no CAIC JOSÉ JOFFILY, no período de 15 de abril de 2014 na turma do 9º ano fundamental. Onde nesse estágio tive oportunidade de buscar experiências, oportunidade de articulação entre o momento do saber e do fazer; vamos procurar sanar ou diminuir algumas questões ou dúvidas existentes no trabalho docente, e, principalmente, ampliar nossos conhecimentos. É o momento de troca de saberes de reconhecer a realidade da sala de aula; e de reconhecer-se ou não na profissão que escolhida. Em seguida veio o estágio supervisionado II; que seria de regência no ensino fundamental, fui dispensada, pois já leciono nessas séries há 15 anos; na modalidade Educação Jovens e Adultos, a disciplina Língua Portuguesa. Posteriormente veio o estágio de observação no Ensino Médio; foi uma experiência nova; pois percebi que os alunos são mais motivados, disciplinados e já almejam uma faculdade, participam das aulas, são mais questionadores; procurei também observar as aulas, bem como participar ativamente no auxílio da professora titular, procurando colaborar no processo de ensino-aprendizagem, usando e tendo como referência o interacionismo e o sujeito

autonomia do ser educando, como frisa Freire (1995, p. 59) “O respeito a autonomia e a dignidade de cada um é imperativo ético e não um favor que podemos conceder uns aos outros.”

Pude perceber que a mudança que tem ocorrido no contexto social e escolar do alunado tem sofrido mudanças significativas e se a escola não acompanhar essas mudanças não será capaz de oferecer um ensino de qualidade. Durante meu estágio percebi que os professores tem procurado alternativas para chamar a atenção dos alunos, visando a melhoria da construção do conhecimento valendo-se do diálogo.

No estágio de observação e regência um ponto importante foi a preocupação da professora com os alunos; aconselhando-os, motivando-os é realmente uma prática voltada para a autoestima.

A metodologia também mudou muito; nas aulas a professora usa textos, livros e principalmente assuntos relacionados com o cotidiano, voltado para o mercado de trabalho; pois a escola tinha um projeto “Direitos Trabalhistas” que era uma exigência do projeto mestres da educação. A professora trabalhou com os alunos e eu participei, questionando, apesar de lecionar nesta escola. O estágio veio para aumentar as minhas expectativas e também sanar e me reconhecer como profissional da área.

No estágio IV toda minha prática foi voltada para leitura, pois os nossos alunos não sabem interpretar e também não tem o hábito da leitura. Sei que é vários os fatores que influenciam, mas é a hora da escola fazer o seu papel, trabalhar não só a gramática, mas os vários gêneros textuais; procurar trabalhar o que o aluno conhece.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

3.1 .EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA HISTÓRIA NEGADA.

Historicamente, o processo de educação escolar no Brasil está marcado pela exclusão das camadas populares da sociedade. Desde o início do processo de colonização, o saber matéria-prima do trabalho escolar, é mantido como privilégio de grupos economicamente hegemônicos. Este país tem uma estrutura social que não privilegia a educação escolarizada para todos, pois trabalha conteúdos alienados, oriundos de uma concepção etilista em um “sistema esfacelado de aulas avulsas”, o que acaba excluindo da escola o negro, o índio e quase a totalidade de mulheres (sociedade patriarcal) e gera, inevitavelmente, um grande contingente de analfabetos.

A reconstrução da educação de adultos – EJA. No Brasil ainda hoje se constitui em tarefa complicada, devido à escassez de registros acerca das ações implementadas, sobretudo, na esfera não governamental. Mas, segundo literatura consultada, a EJA começou a ser delineada no Brasil a partir da década de 30, quando começa a se consolidar um sistema público de educação. Neste período a sociedade brasileira passava por grandes transformações, associadas ao processo de industrialização e a concentração populacional em centros urbanos. Até esta época os nossos jovens das classes menos favorecidas não tinham acesso à escola.

Vários pesquisadores ao resgatarem a história da educação de jovens e adultos mostram que ela começou no Brasil Colônia, sob a responsabilidade dos jesuítas, em caráter religioso, para serem doutrinados nas “causas da fé”. Porém, foi com a constituição de 1824, através do Decreto nº 16.782 de 13 de janeiro de 1925, a chamada Lei Rocha Vaz, ou Reforma João Alves, que estabeleceu a criação de escolas noturnas para adulto. Nessa época a educação para adultos começou a ser pensada, e foi garantida a “instrução primária” para todos os cidadãos. Mesmo assim, continuou no império, o privilégio destinado à nobreza, e esses, juntos com o

tráfico de negros como mão-de-obra escrava, bastariam para negar o texto constitucional, pois a ideologia dominante de divulgar a ideia de que os adultos analfabetos eram desinteressados e preguiçosos.

Sabe-se que isso é uma inverdade e que o motivo de tantos jovens analfabetos não era este, uma vez que o acesso à escola era destinado aos que tinham poder político e econômico. Assim, desde essa época não havia escola para todos. O país era, então, dividido em letrados e analfabetos, privilegiados e marginalizados e, a estes últimos, era negado o direito de estudar, sobrando-lhes apenas trabalhar no cultivo da cana-de-açúcar, no plantio do café e na criação do gado. Esse fato revela que a educação e, mais ainda a de jovens e adultos, sempre esteve ligada aos interesses econômicos, os quais, mais que todos os outros, determinam a vida dos países e das pessoas, especialmente das mais pobres. Mas, queiram as elites ou não, as classes populares constroem sua cultura, o que ajuda não só a definir sua identidade, mas também assegura os modos de existência e resistência dos controles de toda ordem que lhes são impostos.

Lamentavelmente esse modelo excludente de educação que privilegia as elites faz com que o contingente de analfabetos cresça sempre, uma vez que a escola básica regular não está à disposição de todos, sendo isso ainda uma utopia.

Esforços, políticos existiram, mas não foram consistentes a ponto de responderem a realidade da realidade escolar no sentido de diminuir o número de analfabetos. Daí que ainda encontramos depois da república, 72% de população analfabeta, sinal de país atrasado. Porém, ao lado disso, encontramos as classes sociais unindo-se e dando-se as mãos por mais escolas de qualidade que pudessem atender a todos, sem distinção. Assim, a cada presidente que governa esse país reaparece uma luz em favor da educação de jovens e adultos, ainda que muitas ações, fiquem só no papel.

Foi, porém, na década de 40 que EJA, mas precisamente em 1945, no final da ditadura de Getúlio Vargas, com o fortalecimento dos princípios democráticos e, com a criação da UNESCO, reforça-se a preocupação com esses segmentos da população nos países considerados “atrasados”. Isso proporcionou ao Ministério da Educação e Saúde a criação, em 1947, do Serviço de Educação de Jovens e

Adultos – 1ª Campanha Nacional de Educação de Jovens e Adultos, considerada a primeira iniciativa oficial em nível federal. Com essa campanha se obteve a ampliação do contingente de eleitores, já que a lei eleitoral em vigor excluía os analfabetos do processo eleitoral.

Depois dessa campanha, muitas outras surgiram. Em 1952 foi iniciada a Campanha de Educação Rural, em 1958 a 2ª Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (ambas tiveram vida curta). Ainda em 1958 realizou-se o 11º Congresso Nacional de Educação de Jovens e Adultos. Nos anos 60 destaca-se a influência de Paulo Freire, que propõe uma prática alternativa de alfabetização de adulta. Os programas que se destacaram neste período foram o Movimento de Educação de Base – MEB, Movimento de CULTURA Popular do Recife, os dos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes, e de “De pé no chão também se aprende a ler”.

Em 1964, o ministério organizou o último dos programas, que foi a “Programa Nacional de Alfabetização de Adultos”. A maioria desses programas e iniciativas desapareceram em consequência do golpe militar, poucos foram os que sobreviveram. Princípios como conscientização e participação que, no período anterior a 64, tinham caminhado lado a lado com a educação popular, deixaram de fazer parte do ideário da educação de adultos.

Depois do saudoso Paulo Freire o governo militar criou em 1967, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), que atendia a uma clientela em que a maioria tinha menos de 20 anos e já tinham frequentado a escola regular e fracassado. Os mais velhos não tiveram acesso á escola na infância ou passaram muitos anos afastados dela.

Em tese, o Mobral tinha como meta á funcionalidade e a aceleração para ajudar o aluno a descobrir sua função social, ensinando-o a viver em comunidade, capacitando-o a integrar-se no mercado de trabalho e ao exercício da cidadania. Todo o trabalho era voltado para sua realidade e seus interesses mais imediatos. O método do Mobral consistia na silabação de palavras geradoras e nas discussões de temas relativos ás necessidades básicas. O Mobral não tinha como promover a

melhoria na renda da população mais pobre, já que o modelo de desenvolvimento econômico era excludente.

No final da década de 70, Mobral começou a perder sua credibilidade, pois as matrículas foram diminuindo e a evasão aumentou. Começa a perder seu prestígio e ganha a descrença dos educandos, o que concorre para o seu fracasso. Eles não se motivaram pela alfabetização por serem pobres e terem outras necessidades urgentes ou porque sua condição de analfabeto o impedia de conscientizar-se dos benefícios da alfabetização. Mas é fato notório, que esses jovens procuram a escola, na maioria das vezes, pela necessidade de trabalhar e, os mais velhos para aprenderem a ler e escrever, ou seja, apenas para se alfabetizarem, não alimentando o desejo de prosseguirem na vida escolar.

Acrescente-se a isso o fato de a maioria dos alunos do programa Mobral possuir um atraso intelectual e isso dificultava ainda mais a alfabetização. Para superar tal dificuldade segundo Almeida (1978:93):

“O Mobral consciente da importância e eficiência dos recursos e técnicas não-sofisticadas, pertencentes á cultura popular, vem desenvolver um trabalho no sentido de divulgar, valorizar e dinamizar a utilização da tecnologia da escassez”.

Assim, outro fator que contribuiu muito para a sua extinção foi a dificuldade de encontrar adeptos para o programa nas classes de alfabetização devido a desmotivação dos adultos, pois o estudo para eles, o trabalho era primordial, e necessário para sua subsistência. Esse fato nos leva a indagar se os alunos da educação de jovens e adultos de hoje ainda vêm á educação assim ou procuram a escola na esperança de conseguirem um emprego melhor? Não se discutir a questão agora, pois será tratado mais adiante, mas parece-nos que essa forma de conceber a educação está mudando. Segundo o IBGE (2000), no Brasil, contrata-se a redução da taxa de analfabetismo de forma rápida em torno de um por cento a cada ano. Claro que ainda não é o desejado, mas será que estamos caminhando para equacionar esse problema? Quem sabe?

Importante passo dado em prol da educação de jovens e adultos foi no ano de 1980, com vários programas voltados para alfabetizar os adultos que não tiveram

acesso a criação de vários programas voltados para alfabetizar os adultos que não tiveram acesso á escola em idade normal. Entre estes programas tivemos a “Alfabetização Solidária”, uma ação de parceria estabelecida entre o poder público e a sociedade. Apesar de todo o esforço programanão minimizou o problema do analfabetismo, pois também repetiu os equívocos anteriores e dentre eles o fato de não dispor de profissionais qualificados para trabalhar com adultos e perdeu seu lugar para a “Fundação Educar”. Em 1987 foram cortadas as verbas da fundação, que levou á sua extinção, sendo substituído pelo Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania – PNAC.

Com a Constituição promulgada em 1988, é dever do Estado a educação de jovens e adultos, determina-se o ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurando, inclusive, sua oferta para todos que não tiveram acesso na idade adequada.

Assim sendo, o desafio da educação de jovens e adultos nos anos 90, é o estabelecimento de uma política e uma metodologia criativas, com a finalidade de se garantir aos adultos analfabetos e aos jovens que tiveram passagens fracassadas pelas escolas a cultura letrada, uma participação mais ativa no universo profissional, político e cultural. O desafio torna-se maior quando se pensa que o acesso á cultura letrada não significa em qualquer hipótese ignorar a cultura e os saberes que os jovens e adultos trazem como bagagem.

A década mais recente – 1990-2000 – há vivência de uma série de episódios nacionais e internacional de Educação de Adultos, que se realizou em 1997, na Alemanha.

3.2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Para começar o estágio supervisionado, conversei com a diretora da escola “Caic José Joffily” e com a professora regente para pedir autorização para assistir às aulas e posteriormente ministrar aulas. Estagiei na turma do 1º ano do ensino médio e no 3º ano do ensino médio na modalidade de Educação de jovens e adultos, as observações foram feitas sempre nas 1ª e 2ª aulas nas quintas e sextas feiras.

No primeiro dia do estágio fui apresentada a turma pela professora regente e expliquei qual era meu objetivo de estar assistindo aula naquela turma, alguns dos alunos já tinham sido meus alunos no ensino fundamental. Durante a aula a professora começou com literatura brasileira, ou seja, o barroco questionou sobre os conhecimentos prévios e em seguida explanou oralmente o conteúdo, fazendo referência a carta de Caminha, depois pediu para eles fizessem uma leitura da apostila e abriu espaço para as discussões coletivas sobre o tema estudado, uma coisa que chamou a minha atenção foi que a professora fica sempre pedindo para que eles participem, ela gosta muito de interagir com a turma.

Sempre percebo que a professora regente inicia as aulas fazendo uma revisão da aula anterior, depois pedi para fazerem as atividades de rotina, tudo tem na apostila, sempre costuma direcionar o tempo, normalmente 10 minutos dependendo do número de questões, faz as correções oralmente e as vezes direciona a pergunta a algum aluno. Também tive oportunidade de observar a execução do Projeto com o tema “Direitos Trabalhistas” era um projeto voltado para o 15º salário, ou seja, Mestre da Educação”, achei muito interessante e percebi que os alunos gostaram muito, foram feitas muitas perguntas a respeito do tema, preencheram fichas de inscrição para emprego, foi apresentado modelo de curriculum e também onde eles devem procurar emprego (SINE).

Durante meu estágio de regência tive oportunidade de estagiar na turma do 3º ano do ensino médio, foi uma experiência muito boa, pois boa parte dos alunos foram meus alunos, já conheciam a minha metodologia e me senti bem a vontade, agora que fiquei um pouco surpresa foi o compromisso da turma, percebi eles mais interessados, estudiosos e com objetivos mais determinados, vejo a preocupação em

fazer o ENEM, concurso público, ou seja, mais maduros e seguros do que querem ser futuramente, isso é muito bom, porque o professor conseguiu fazer aquilo que planejou e isso é muito bom.

Procurei trabalhar um pouco de literatura, gramática e interpretação de textos e conseqüentemente dentro do texto trabalhei gramática sem fugir do contexto, percebi a dificuldade de interpretação de textos, eles ainda apresentam muita dificuldade em justificar suas opiniões. Trabalhei com apostilas, vídeos e explanação oral, sempre depois das aulas aplicava a atividade e fazia a correção oral, pedia para que eles respondessem, sempre procurei chamar a atenção deles.

Durante meus estágios pude perceber que as mudanças que tem ocorrido no contexto social e escolar do alunado tem sofrido mudanças significativas, pois é notório que os professores tem procurado alternativas e desenvolvido projetos a fim de chamar a atenção dos alunos para a melhoria do ensino e a construção do conhecimento, valendo-se também do diálogo e parceria com os mesmos, pois em se tratando da educação de jovens e adultos é preciso ter muita paciência, procurar sempre melhorar a autoestima deles, instigando-se ao espírito crítico e fazendo-os enxergarem que fazem parte de uma sociedade, e que, portanto são cidadãos.

As contribuições das disciplinas foram inegáveis, dentre elas vale citar as disciplinas de prática pedagógica, linguística e estágio supervisionado, que além de oferecer-me subsídios teóricos pude contar com o apoio dos professores para tirar dúvidas e dificuldades no decorrer do curso. Tudo foi de suma importância, pois trata-se de uma oportunidade de formação contínua, um momento ativo e de atualização da prática pedagógica, onde confrontei-me com a realidade, assumi o papel ativo sendo agregados valores para minha formação docente, objetivando o crescimento pessoal e profissional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada estágio que fiz teve uma importância na minha vida profissional: novas metodologias, contato com o ambiente escolar, carga horária e o calor humano dos alunos e professora da turma.

A disciplina de Estágio supervisionado possibilitou-me repensar a ação docente através da união de experiências vividas por mim, com conhecimentos obtidos durante o curso, pois o mesmo ajudou-me a inserir conhecimentos adquiridos e construídos durante a vida acadêmica que serão válidos para aplicá-los em sala de aula como futuro profissional. Tal experiência ofereceu-me suporte aos meus conhecimentos e deu-me a oportunidade de observar, participar e reger no universo escolar e a compreender o efetivo papel do educador dentro do contexto escolar, a prática vai muito além da teoria.

5. REFERÊNCIAS

GADOTTI, Moacir; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia, diálogo e conflito**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

HADA, Regina. **Alfabetização de adultos: ainda um desafio**. 3ª Ed. São Paulo: CEDI, 1992 .

PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA. **Alfabetização em foco: Projetos Didáticos e Sequências Didáticas com diferentes componentes curriculares**. Brasília 2012. Ano 03. Unidade 06.

SILVA, M. 1981. **Leitura, ortografia e fonologia**. São Paulo, Ática.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo, 1986.

Vygostky, L. S. **A formação Social da Mente**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, Henri. **O papel do outro na consciência de eu**. In: WEREBE, Ma. José G.

ZABALA, Antonio. **A prática educativa; como ensinar**: Porto Alegre: Artmed, 1998.